

VÍCIO E COMPULSÃO: AS INFLUÊNCIAS DO DESAMPARO E DO TRAUMA PELA VISÃO DA NEUROCIÊNCIA

DOI: 10.56041/9786599841866-14

Marilia Roberta Lavratti

Graduanda em Psicologia pela Universidade do Oeste de Santa Catarina
marilia.lavratti@gmail.com

Ana Patrícia Alves Vieira

Mestre em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina
Doutoranda em Ciências Contábeis e Administração-FUCAPE
ana.vieira@unoesc.edu.br

Palavras-chave: desamparo aprendido; trauma; compulsões.

1 INTRODUÇÃO

O vício é uma desconexão cerebral e comportamental entre o que desejamos e o que admiramos. Ele é uma dissociação repetida. Compreender a causa subentendida aos vícios e compulsões é um ponto importante para confrontar esses comportamentos de modo eficaz. Existem várias teorias psicológicas que buscam explicar as causas dos vícios e compulsões, e a compreensão pode variar dependendo do indivíduo e da situação (Wiet, 2017).

Dentre algumas dessas teorias existentes, a psicologia evolucionista discorre sobre como a seleção natural e mecanismos de prazer estão interligados com a sobrevivência, utilizando assim o vício como um atalho adaptativo para manutenção da vida (Moraes; Torrecillas, 2014). Já, Preto (2003), aponta que o caminho para o uso de comportamentos viciantes depende de fatores como a personalidade do indivíduo, a frequência com que está exposto ao produto viciante e o ambiente em que está inserido. Segundo a teoria geral da adicção, o vício depende de dois fatores, a rejeição na infância e a tentativa de diminuir essa dor física e psíquica através de substâncias (Jacobs, 1997 *apud* Preto, 2023).

Vícios e compulsões são processos neurobiológicos e não estão relacionados exclusivamente ao uso de substâncias e as circunstâncias hospitalares, pois, como exemplo, nos vícios em cocaína e açúcar, a diferença está no processo biológico e na quantidade de dopamina a ser liberada na corrente sanguínea, sendo interpretado pelo cérebro como atitude positiva, são comportamentos compensadores e isso serve para qualquer dependência, o vício em si é um aspecto complexo e multifacetado que envolve muitas perspectivas (Teixeira *et al.*, 2017).

A dopamina é essencial para um desenvolvimento saudável, em um cotidiano normal, deve ser encontrada na rotina do dia a dia, nas relações familiares, e pode ser recebida no abraço da mãe, no

contato com a natureza, nas atividades escolares, porém quando não recebida de maneira saudável, o ser humano procura no mundo para poder compensar a falta.

Quando o sujeito não tem o que é essencial, o cérebro irá recorrer a encontrar dopamina em outros lugares, pois ela é primordial para a existência. Isso mostra como o desamparo pode desempenhar um papel significativo nas questões relacionadas a vícios e compulsões (Oliveira *et al.*, 2001).

Para que se desenvolvam de forma equilibrada e saudável, é necessário que a construção da vida de uma criança tenha uma base sólida e de relações responsáveis da parte de seus familiares ou de quem as cuida. Autores como Wiet (2017), Kin *et al.* (2016), têm discutido a respeito de vícios e compulsões na vida adulta, desde sua origem até sobre a desordem e sofrimento que essas questões levam a vida do indivíduo.

Dependência de internet, tecnologia, compulsão por compras, pornografia, compulsão por alimentos, drogas, vontade incontrolável de ingerir bebidas alcoólicas, entre outras, questões essas que já causavam preocupação e dificuldade de tratamento, pioraram após a pandemia.

O vício e a compulsão são implantados no sistema nervoso do indivíduo anteriormente ao primeiro momento que se realiza o uso de determinada substância ou de algum modelo de comportamento específico. Ele já está propenso a ser ativado quando na infância experiências vivenciadas, sendo elas repetitivas ou um único acontecimento com alto padrão de carga excessiva de stress, como a sensação de ameaça a vida, ou de que é inevitável passar por tal circunstância, altera o funcionamento do eixo hipotálamo hipófise-adrenal (HPA) e da capacidade de homeostase do sistema límbico (Wiet, 2017). O sistema límbico (LS) é a máquina emocional que se incorpora ao corpo através do hipotálamo e regula as emoções.

O estresse interfere na resposta imune através do eixo (HPA). Durante esse processo, alguns hormônios do estresse, o cortisol é um exemplo. São hormônios com função essencial na regulação do sistema imunológico. A partir dessa desregulação, o perigo do surgimento de doenças psiquiátricas, físicas, e vícios, aumenta significativamente, em particular e com mais frequência quando ocorrem na fase de neurodesenvolvimento (Marques; Sternberg 2005).

Perante um cenário que cause desamparo aprendido, cada sujeito desenvolve uma maneira de lidar com a situação, conforme os tipos de recursos que têm para resolvê-los, a dependência e adições podem acabar se tornando uma barreira protetora, para suportar e se defender, no decorrer de sua vida. Assim sendo, o vício e a compulsão são ferramentas utilizadas no intuito de acalmar o sofrimento que experiências relacionadas a traumas e comportamentos violentos acarretam (Teixeira *et al.*, 2017).

Esse assunto percebido através da lente da neurociência pode explicar a origem do problema que falando neurologicamente se situam todos na mesma localidade cerebral, a área tegmentar ventral, o núcleo accumbens, a amígdala e o córtex pré-frontal, sendo relacionado a dopamina que é ativadora dos sistemas de recompensas, sofre alterações anatômicas na aprendizagem dos vícios e compulsões, que apesar de ter alguma influência genética é essencialmente comportamental (Enoque, 2012).

Essa pesquisa tem como objetivos investigar as razões psicológicas, sociais e biológicas que levam as pessoas a desenvolver vícios e compulsões; identificar qual papel desempenhado pelo ambiente familiar na predisposição para vícios e compulsões; e verificar o impacto que o desamparo

aprendido e o trauma têm no desenvolvimento e manutenção de vícios e compulsões.

O maior intuito desse trabalho é de distinguir e apontar porque algumas pessoas são mais propensas tanto a utilizar drogas como ter a facilidade em desenvolver vícios e compulsões do que propriamente dito sobre os danos que os vícios acarretam. Ao aprender mais sobre como funciona esse ciclo, este trabalho pode ajudar a sociedade em geral a obter uma compreensão mais profunda do problema, orientando e transmitindo estratégias e medidas de prevenção (Sinha *et al.*, 2006).

Como problema da pesquisa, é apresentado o questionamento: Qual a influência do desamparo aprendido e do trauma na formação dos vícios e compulsões na vida adulta? A compreensão dos vícios por meio da pesquisa, traz benefícios para a ciência na compreensão dos mecanismos neurobiológicos, psicológicos e sociais que favorecem o avanço, desenvolvimento e a permanência de vícios e compulsões, tendo assim um entendimento mais verídico do funcionamento do cérebro, dos recursos utilizados para a tomada de decisão e dos fatores que aumentam a chances de desenvolver vícios, entendendo as causas e buscando recursos apropriados, sendo destinado a várias áreas da ciência, como psicologia, neurociência, medicina, sociologia e economia, enriquecendo o conhecimento (Ochterbeck; Kelley; Jennings, 2023).

2 METODOLOGIA

A pesquisa será realizada envolvendo o método qualitativo. O método de pesquisa qualitativa vem sendo utilizado a fim de ampliar esquemas de pesquisas que tragam resultados satisfatórios e que disponibilizem informações sobre a história de vida dos pacientes de forma segura e confiável. São métodos que quando aplicados auxiliam na melhoria do desenvolvimento e informações relevantes para aqueles a qual o assunto é pertinente (Shoshanna, 2002).

Será utilizado um teste, adaptado a perguntas abertas, chamado Estudo de Experiências Adversas na Infância (ACE). Esse questionário consegue estimar distintas formas de abuso e que tem a finalidade de verificar se as pessoas que participam da pesquisa possuem traumas (Felitti, 2002). O conteúdo do Adverse Childhood Experiences International Questionnaire foi trabalhado e traduzido para uma versão em português, vigente no Brasil, intitulado como Questionário Internacional de Experiências Adversas na Infância. Nele foi realizado um estudo metodológico realizando a adaptação de duas culturas distintas do método de avaliação, mantendo no instrumento a mesma legitimidade e significância de sua originalidade (Pereira; Viana, 2021).

Nesse instrumento o entrevistado deve numerar com 1 as respostas que mais se assemelham com os acontecimentos passados em sua vida. Duas perguntas abertas serão adaptadas aos questionários, com a intenção de confirmar o vício ou compulsão do indivíduo entrevistado. O questionário ACE é encontrado na página da Organização Mundial da Saúde (OMS). Será realizada a associação de respostas, somatória das pontuações e feita análise de índice de ligação entre trauma e vícios.

3 RESULTADOS

Como trata-se de um trabalho de conclusão de curso ainda em andamento, até o momento presente não temos resultados conclusos, mas esperamos que esse projeto provoque uma compreensão desses mecanismos neurobiológicos e psicológicos conduzindo uma forma eficaz de tratamento de

vícios e compulsões. O foco nas origens, especialmente na infância, é fundamental para interromper esses padrões e promover uma vida saudável e equilibrada.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo visa trazer à tona a importância do entendimento dos vícios e compulsões a partir de uma perspectiva neurocientífica, psicológica e social. Ao compreendermos melhor as origens e os mecanismos que os mantêm, podemos desenvolver estratégias mais eficazes de prevenção e tratamento. A investigação sobre a influência do desamparo e do trauma na formação desses comportamentos destaca a necessidade de políticas públicas e ações educativas voltadas para a infância e a saúde mental.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de expressar minha gratidão à Faculdade Senac Concórdia pelo apoio concedido para a realização deste projeto científico.

REFERÊNCIAS

DE MORAES, T. P. B.; DA SILVA TORRECILLAS, G. L. Vício em drogas, evolução e sociedade: um estudo sobre o vício a partir da psicologia evolucionista. **Antropo**, n. 32, p. 99-109, 2014.

ENOQUE, M. A Influência das interações gene-ambiente no desenvolvimento do alcoolismo e da dependência de drogas. **Curr Psychiatry Rep**, Bethesda, v. 14, p. 150–158, 2012.

FELITTI, V. J. The Relation Between Adverse Childhood Experiences and Adult Health. Turning Gold into Lead. **Perm J**, v. 6, n. 1, p. 44-47, 2002.

GRASSI, R. O.; STEIN, L. M.; PEZZI, J. C. Tradução e validação de conteúdo da versão em português do Childhood Trauma Questionnaire. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 40, n. 2, pp. 249-255, 2006.

MARQUES, A. D.; STERNBERG, E. Psiconeuroimunologia: a relação entre o sistema nervoso central e o sistema imunológico. **Brazilian Journal of Psychiatry**, São Paulo, v. 26, n. 3, p. 143–144, set. 2004.

OCHTERBECK SWATZELL, K. E.; JENNINGS, P. R. Pesquisa descritiva: os detalhes básicos. **JAAPA**, v. 20, n. 7, julho de 2007.

PEREIRA, F. G.; VIANA, M. C. Cross-cultural Adaptation of the Adverse Childhood Experiences International Questionnaire. **Revista de Saúde Pública**, São Paulo, v. 55, p. 79, 2021.

PRETO, L. Teorias do comportamento aditivo. Simpósio “Um Mundo em Cambio”. Departamento de

Psicologia y Sociologia de la Educación-Universidad de Extremadura, 2003.

SINHA, R. *et al.* Stress-induced cocaine craving and hypothalamic-pituitary-adrenal responses are predictive of cocaine relapse outcomes. **Archives of general psychiatry**, v. 63, n. 3, p. 324, 2006. Disponível em: <https://jamanetwork.com/journals/jamapsychiatry/article-abstract/209411>. Acesso em: 12 out. 2023.

SHOSHANNA, S. Qualitative research methods. **International Journal for Quality in Health Care**, v. 14, n. 4, p. 329-336, 2002. DOI: 10.1093/intqhc/14.4.329.

TEIXEIRA, C. A. B. *et al.* An exploration of addiction in adults experiencing early-life stress: a metasynthesis. **Revista latino-americana de enfermagem**, v. 25, n. 0, 2017.

WIET, S. Origins of addiction predictably embedded in childhood trauma: a neurobiological review. **Journal of the Korean Academy of Child and Adolescent Psychiatry**, v. 28, n. 1, p. 4-13, 2017. Acesso em: 20 mar. 2024.